

Para BC, economia cresceu 1,5% em julho

Resultado do IBC-Br supera expectativas. Apesar disso, especialistas afirmam que estagnação se mantém

GABRIELA VALENTE
valente@bsb.oglobo.com.br

-BRASÍLIA- A economia brasileira cresceu 1,5% em julho, nos cálculos do Banco Central (BC). Esse resultado superou até a mais otimista das previsões. É a maior alta mensal desde junho de 2008. A expectativa de analistas do mercado financeiro era que o IBC-Br (índice que mede a atividade no Brasil) teria uma alta entre 0,6% e 1,4%. Mesmo com a surpresa, os especialistas estão céticos: dizem que é apenas um efeito estatístico e que isso não muda o quadro de estagnação nem mexe nas projeções para o desempenho da economia no ano.

— É um ponto totalmente fora da curva por um efeito estatístico. O mês teve mais dias úteis que junho. Isso não quer dizer que é uma recuperação — disse Eduardo Velho, economista-chefe da corretora INVX Global Partners.

— Muito difícil fazer grandes avaliações. Foi um impacto represado pela Copa sobre uma base muito fraca — complementou a economista da XP Investimentos Zeina Latif.

Para o economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini, o número pode até dar um alento para o governo, mas não interfere na formação de expectativas:

— Ainda acho muito cedo para fazer uma análise mais otimista porque, se comparar com o mesmo mês do ano passado, houve queda. Isso é um sinal de que as coisas não estão tão boas.

Na comparação com julho de 2013, a economia encolheu 0,31%. Isso, segundo Agostini, mostra deficiência em vários setores econômicos.

BANCO ITAÚ PREVÊ ATÉ QUESA NO 3º TRIMESTRE

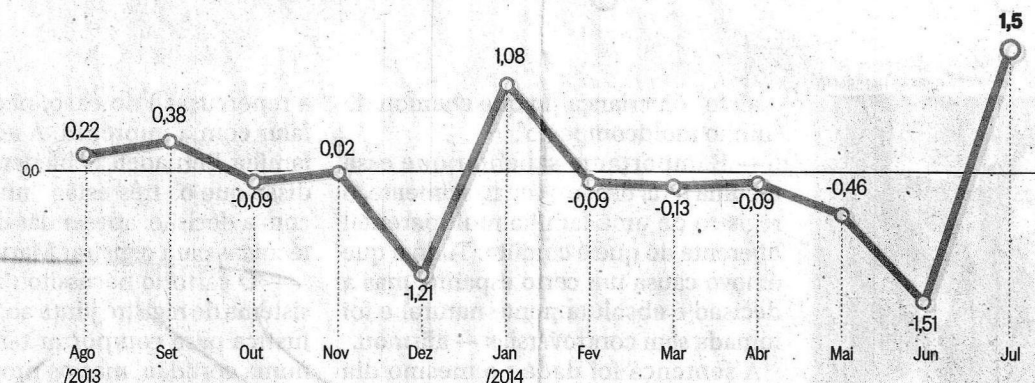
A economia fraca já vem aparecendo em outro indicadores. Em julho deste ano, a indústria diminuiu a produção em 0,7%, e as vendas do varejo registraram uma queda de 1,1%, na comparação com junho — o pior resultado desde a crise mundial em 2008. Esses dois dados são os que mais influenciam o IBC-Br. No entanto, quando calcula o índice, o BC usa as vendas do varejo que incluem materiais de construção e veículos, que cresceu 0,8% no mês. Por isso, a aposta dos analistas era de alta.

Os dados do ano do IBC-Br também mostram que o quadro não é dos melhores. O crescimento acumulado até julho é de apenas 0,7%. Já a expansão nos últimos 12 meses foi de 1,14% — este dado está menor todos os meses deste ano. Em janeiro, o crescimento acumulado nos últimos 12 meses era de 3,2%.

“O índice, apesar da significativa melhora na margem, ainda apresenta desaceleração intera-

A EVOLUÇÃO DO ÍNDICE

VARIAÇÃO FRENTE AO MÊS ANTERIOR (EM %)



Crescimento trimestral*

-0,83%

2º tri/14

+0,11%

1º tri/14

Em 12 meses

1,14%

No ano

0,07%

Fonte: Banco Central *Em relação ao trimestre anterior

Editoria de Arte

APESAR DA RECESSÃO

DESIGUALDADE CONTINUA A CAIR EM 2014

A desigualdade está em queda apesar de a economia estar em recessão técnica. Segundo o ministro-chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos, Marcelo Neri, depois de o coeficiente de Gini (indicador que mede a concentração de renda: quanto mais perto de 0, melhor) ter estacionado em 2012, com o maior crescimento do rendimento entre os mais ricos, ele retomou a trajetória de queda em 2013 e, só neste ano, cai 0,1 ponto por mês, na análise dos últimos 12 meses. Em janeiro estava em 55,4 e, em julho, em 54,8.

Ao longo de 2014, Neri analisou os dados das quatro regiões

metropolitanas disponíveis pela Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE — Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Belo Horizonte. Desde maio, são divulgados dados parciais (sem Salvador e Porto Alegre) em razão da greve no IBGE de mais de 70 dias.

Segundo o ministro, o movimento de redução da desigualdade continua sendo sustentado pelo mercado de trabalho e pela nova classe média. Na 2ª Conferência Anual sobre o Fenômeno da Classe Média nos Mercados Emergentes, organizada pela PUC-Rio, Neri afirmou que os dois vetores que impulsionam a nova classe média, o aumento do emprego formal e o da escolaridade, continuam atuando, a despeito do

desempenho econômico mais fraco.

— Ao longo de 2014, o Gini caiu como um relógio, 0,1 ponto mês após mês e isso é muito. Só é comparável com 2004. Há uma desaceleração no crescimento da renda, mas não se está devolvendo os ganhos — disse.

Pelos cálculos de Neri, a renda mediana (no meio da distribuição) cresce 6,3% reais nos últimos 12 meses, acima da renda média (4%):

— Houve uma redução do crescimento do PIB, que não se refletiu tanto na redução da renda do trabalho. Entre 2003 e 2013, a desigualdade caiu nove pontos. Nos últimos 12 meses, caiu 1,2 ponto. (Clarice Spitz)

nual. Nossa estimativa para o PIB no terceiro trimestre, por enquanto, é de estabilidade na comparação com o mesmo período do ano passado e alta de 0,14% na comparação trimestral (frente a segundo trimestre), feito o ajuste sazonal. A previsão para o crescimento do PIB em 2014 é de 0,3% e, em 2015, de 0,8%, informou José Francisco de Lima Gonçalves, economista-chefe do Banco Fator, em comunicado aos clientes.

Já Octavio de Barros, diretor de Pesquisas e Estudos Econômicos do Bradesco, afirmou que a variação reforça a expectativa do banco de “leve aceleração da atividade econômica neste trimestre, após a retração observada nos dois primeiros trimestres deste ano”.

Também em relatório enviado a clientes, Ilan Goldfajn, economista-chefe do Itaú, vai na direção contrária e afirma que, para o período entre julho e setembro, o banco espera estagnação ou leve contração do PIB. Goldfajn afirma que a instituição reduziu a previsão para o crescimento no ano de 0,6% para 0,1%, devido à lenta recuperação da atividade e a indicadores desfavoráveis que terão impacto no terceiro trimestre. Já para o quarto trimestre, a projeção é de normalização na economia e moderada expansão. Para 2015, o banco manteve a estimativa de 1,3%.

CÁLCULO DO PIB OFICIAL É DIFERENTE

Mesmo sem alterar o quadro geral, julho compensa parte do resultado ruim do segundo trimestre. Nas contas do BC, a economia brasileira encolheu 0,83% de abril a junho. Cresceu, entretanto, 0,11% nos três primeiros meses do ano. A autarquia revisou os números que eram de retração de 1,2% no segundo trimestre e 0,2 nos três primeiros meses do ano. Já o resultado oficial do IBGE mostra que o Brasil está em recessão técnica. Isso porque no segundo trimestre, a retração da atividade econômica foi de 0,6%. E nos três primeiros meses do ano, ficou em 0,2%.

O índice da autoridade monetária difere do oficial por ser muito mais simples. É o que os economistas chamam de “proxy”, uma aproximação. Ele indica uma tendência do que resultado oficial. E foi criado para balizar a condução da política de juros para controlar a inflação. É para ele que o BC olha na hora de fixar a taxa básica de juros (Selic), que está em 11% ao ano.

Na quinta-feira, o BC deu sinais de que está preocupado com a atividade econômica no país. No entanto, mostrou-se mais tranquilo em relação ao combate da inflação. Para a autoridade monetária o dragão não está tão “resistente” como antes. O BC avisou que só espera que a inflação volte para o centro da meta de 4,5% nos primeiros trimestres de 2016. ●